

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

2 Feb 2018
21:00 Sala Suggia

-
ANO ÁUSTRIA

Eliahu Inbal *direcção musical*

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 4 em Mi bemol maior, "Romântica" (1878; ver.1880; c.70min)

1. *Bewegt, nicht zu schnell* (Agitado, não demasiado rápido)
2. *Andante, quasi Allegretto*
3. *Scherzo: Bewegt* (Agitado)
Trio: Nicht zu schnell, keinesfalls schleppend (Não demasiado rápido, mas sem arrastar)
4. *Finale: Bewegt, doch nicht zu schnell* (Agitado, mas não demasiado rápido)

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BRUCKNER



Maestro Eliahu Inbal
sobre o programa.

<https://vimeo.com/253651400>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESCUE
RESCUE

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Anton Bruckner

ANSFELDEN (ÁUSTRIA), 4 DE SETEMBRO DE 1824

VIENA, 11 DE OUTUBRO DE 1896

Sinfonia n.º 4 em Mi bemol maior, “Romântica”

Apesar de ser visto como um aliado da “nova escola alemã” de Wagner e Liszt em termos da sua linguagem musical e das durações generosas das suas obras mais importantes, Anton Bruckner nunca escreveu nos géneros principais associados àquela escola – a ópera e o poema sinfónico narrativo. Em vez disso, manteve-se fiel às tradições mais antigas da música religiosa e da sinfonia aparentemente abstracta. Mas tem havido sugestões persistentes de que as suas sinfonias poderão ser na realidade “sobre” algo extramusical, em muitos casos talvez um reflexo da fé católica romana do compositor. Num dos casos, a Quarta Sinfonia, Bruckner atribuiu-lhe um título – “Romântica” –, tendo comentado com amigos que o tema era centrado nos ingredientes da poesia romântica: a era medieval, a caça, serenatas e, mais do que tudo, a natureza.

O título foi associado à Sinfonia desde as etapas mais iniciais da sua complexa génese. Bruckner compôs a primeira versão da obra em 1874, enquanto lutava para se afirmar como compositor e professor em Viena. Reviu-a minuciosamente em 1878, substituindo o *Scherzo* original e reescrevendo completamente o *Finale*; e voltou a reescrever o *Finale* em 1880. Foi com esta configuração que a Sinfonia foi estreada em Viena, no ano de 1881, sob a direcção do grande maestro wagneriano Hans Richter, com grande sucesso. Mais tarde, no mesmo ano, Bruckner fez algumas revisões antes da segunda

apresentação, a que se seguiram mais cortes e alterações em duas ocasiões: a primeira em 1886, numa partitura enviada ao maestro Anton Seidl, em Nova Iorque, na esperança vã de que este aí encontrasse um editor para a obra; a segunda em 1888, ao prepará-la para publicação no ano seguinte. Esta noite é interpretada a versão editada por Leopold Nowak em 1953, que apresenta essencialmente a versão final de 1881, rejeita as emendas de 1888 realizadas sob a pressão de amigos bem-intencionados e não validadas pela assinatura de Bruckner, incorporando contudo as emendas de Nova Iorque.

O primeiro andamento tem a indicação (em alemão, segundo a preferência do compositor) “Agitado, não demasiado rápido”. Bruckner descreveu a sua abertura a um amigo como representando uma cidade medieval ao romper do dia, com os toques da manhã a soarem nas torres e cavaleiros saindo para o interior da “magia da natureza”; segue-se “murmúrios da floresta – canto de pássaro – e assim prossegue o desenvolvimento do quadro romântico...” O chamamento de trompa inicial sobre cordas num *tremolando* sombrio parece sem dúvida coincidir com a descrição de Bruckner; os cavaleiros podem ser presumivelmente identificados com o tema seguinte que avança em passos largos em toda a orquestra, com o característico “ritmo de Bruckner” alternando a divisão do tempo em duas e em três partes; e há um vestígio de canto de pássaro no contrastante *Gesangsperiode* ou “episódio de canto”, que é abordado e articulado por mudanças de tonalidade schubertianas. Mas, depois disto, qualquer sugestão de narrativa é seguramente suplantada por procedimentos puramente musicais. A terminar a exposição, o tema em passos largos e o episódio de canto são repetidos de forma variada. Um longo rufo de timbale em Si bemol estabelece a ligação com a secção

de desenvolvimento, que reintroduz o chamamento de trompa, atinge um clímax possante no tema de passos largos e termina com uma passagem calma de contraponto nas cordas derivada de uma linha interior do episódio de canto. Na recapitulação, o primeiro tema ganha novas contramelodias na flauta e depois nos violoncelos, e o episódio de canto aparece uma única vez; os chamamentos da trompa regres-sam e dominam a coda gloriosa.

Bruckner sintetizou o segundo andamento – que tem o título genérico *Andante*, qualificado na indicação de tempo mais específica com *quasi Allegretto* – como “canção, oração, serenata”. Mas a tonalidade, Dó menor, é a da *Marcia funebre* na *Sinfonia Heróica* de Beethoven, e o andamento estável de uma marcha fúnebre parece estar na base do primeiro tema, especialmente quando apresentado pelas madeiras sobre violoncelos e contrabaixos em *pizzicato*. Depois de um calmo coral pelas cordas, há também um fundo regular em *pizzicato* para o segundo tema das violas. De entre as duas ideias principais, é a primeira que predomina na extensa edificação do clímax da secção inter-média de desenvolvimento e coda.

O terceiro andamento é um *Scherzo* (composto pelas secções *scherzo* e *trio*) em Si bemol maior, com uma ideia principal nas trompas – no “ritmo de Bruckner” antecedido por um contratempo – a que o compositor chamou, na partitura, *Jagdthema* ou “tema de caça”. Ainda na primeira secção (*scherzo*) é incluída uma segunda ideia mais lírica, num tempo mais lento. Mas o grande contraste surge no *trio* em Sol bemol maior, em tempo de *Ländler* e assinalado “Não demasiado rápido, mas sem arrastar”, que Bruckner descreveu numa carta como “entretenimento musical dos caçadores nos bosques”. O *scherzo* é repetido sem alterações.

O compositor descreveu o *Finale* de 1878 da Sinfonia como um *Volksfest* ou “festival do povo”, mas não deixou pistas quanto a interpretações programáticas do sucessor de 1880 – excepto no que respeita à intencionalidade do progresso da própria música. O andamento inicia-se com uma introdução, que se vai construindo a partir de uma ideia melódica com um grande movimento descendente seguido de um passo mais pequeno. Quando a parte central do andamento se faz ao caminho, é este o embrião do seu forte primeiro tema, em Mi bemol menor – que passa brevemente a maior para uma reminiscência do chamamento de trompa da abertura da obra. Um episódio lírico contrastante retoma inicialmente a tonalidade de Dó menor e o passo fúnebre – embora não os temas – do andamento lento. Na verdade, a música nunca é muito rápida, e depois de uma severa intervenção orquestral a secção de abertura termina lenta e calmamente. A secção central de desenvolvimento, depois de atingir um patamar climático, abranda também até quase parar, amainando num calmo rufo de timbales antes de a orquestra completa arrancar repentinamente com o início da recapitulação. Aqui não há vestígios do tema de chamamento da trompa, e dificilmente se vislumbra a tonalidade original da Sinfonia, Mi bemol maior; mas ambos ressurgem precisamente no fim da coda vigorosa.

ANTHONY BURTON, 2010

Tradução: Fernando Pires de Lima

Eliahu Inbal *direcção musical*

Após vencer o Concurso de Direcção de Orquestra Cantelli, aos 26 anos, Eliahu Inbal desenvolveu uma intensa carreira internacional à frente das grandes orquestras mundiais. Ao longo dos anos, foi nomeado Maestro Titular da Orquestra Sinfónica da Rádio de Frankfurt (hr-Sinfonieorchester), da Orquestra do Teatro La Fenice, da Sinfónica Nacional da RAI, da Orquestra da Konzerthaus de Berlim, da Filarmónica Checa e da Sinfónica Metropolitana de Tóquio – que o nomeou Maestro Laureado em 2014.

Durante o seu mandato na hr-Sinfonieorchester (1974-1990), na qual se mantém como maestro honorário, Eliahu Inbal distinguiu-se como uma personalidade musical marcante. Aclamado internacionalmente pelas interpretações de Mahler e Bruckner em gravações premiadas (Deutscher Schallplattenpreis, Grand Prix du Disque), foi pioneiro na gravação das versões originais das sinfonias de Bruckner. As suas interpretações das sinfonias de Chostakovich são especialmente reconhecidas.

O ano de 2016 marcou o 80º aniversário de Eliahu Inbal. Foi convidado para dirigir a Sinfónica da Rádio SWR de Estugarda em várias ocasiões e dirigiu sinfonias de Bruckner na Philharmonie de Paris (9ª com a Filarmónica da Radio France), na Konzerthaus de Berlim e na Alte Oper Frankfurt (4ª) e no Teatro La Fenice (8ª). Em 2017, apresentou a 8ª Sinfonia de Bruckner na Philharmonie de Paris e a 8ª de Mahler na Elbphilharmonie de Hamburgo, tendo ainda realizado uma digressão a Seul e ao Japão com a Orquestra da Konzerthaus de Berlim. Regressa à Ásia em 2018 para uma digressão de dois meses, por convite de orquestras como a Filarmónica da China, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Singapura.

Tem dirigido em várias casas de ópera, incluindo Paris, Glyndebourne, Munique, Estugarda, Zurique e Madrid, entre outras. Celebrou o aniversário de Wagner, em 2013, com as interpretações aclamadas de *Tristão e Isolda* no Festival de Ópera da Corunha e de *Parsifal* na Ópera da Flandres (International Opera Award 2014). Recebeu o Prémio Abbiati e Viotti da crítica italiana pelas suas magníficas interpretações do *Anel* de Wagner com a Sinfónica Nacional da RAI.

A extensa discografia de Eliahu Inbal inclui as integrais das obras sinfónicas de Berlioz, Brahms, Bruckner, Mahler, Ravel, Schumann, Chostakovich, Scriabin, Stravinski, Richard Strauss e da Segunda Escola de Viena. Gravou estas obras com a hr-Sinfonieorchester, a Philharmonia de Londres, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Viena, as Filarmónicas de Londres e da República Checa e a Orchestre de la Suisse Romande. Foi editada em DVD a sua interpretação da Sinfonia n.º 10 de Mahler (versão terminada por D. Cooke), como parte da série dedicada a Mahler pela Orquestra do Concertgebouw.

Nascido em Israel, Eliahu Inbal estudou violino e composição na Academia de Música de Jerusalém, ingressando posteriormente no Conservatório Nacional Superior de Paris sob recomendação de Leonard Bernstein, onde concluiu os estudos. Foi orientado por Louis Fourestier, Olivier Messiaen e Nadia Boulanger. O seu desenvolvimento musical foi fortemente influenciado também por Franco Ferrara em Hilversum (Holanda) e Sergiu Celibidache em Siena (Itália). Foi nomeado Oficial da Ordem das Artes e Letras pelo Governo Francês (1990), e recebeu a Medalha de Ouro da Cidade de Viena (2001), a Medalha Goethe de Honra da Cidade de Frankfurt e a Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha (2006).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Afonso Fesch*
Radu Ungureanu
José Despujols
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Andras Burai
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Jorman Hernandez*
Pedro Carvalho*
Flávia Marques*
Agostinha Jacinto*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Mariana Costa
Domingos Lopes
José Paulo Jesus
Nikola Vasiljev
Paul Almond
José Sentieiro
Clara Badia Campos*
Sara Veloso*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Helena Leão*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Malwina Stasto*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Nadia Choi
Nelson Fernandes*
João Fernandes*
Jorge Castro*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Pedro Fernandes*

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

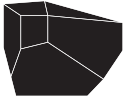
Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

